

A CIENTIFICIDADE DA LINGUÍSTICA INATINGÍVEL

Mariana Garcia de Castro Alves*

Resumo: *O objetivo é compreender como e por que a cientificidade da linguística é questionada em “A língua inatingível: o discurso na história da linguística” (1981), de Gadet e Pêcheux. A proposta é entender como reflexões de Auroux podem ser trabalhadas na leitura dessa obra. Para tanto, é construído um grafo, uma rede digital, que descreve o horizonte de retrospecção do livro. Na medida em que a história das ideias teria mais a ver com epistemologia que com historiografia – ou seja, conforme Auroux, além de descrever, seria necessário explicar – é feita uma reflexão sobre a estranheza do texto de Gadet e Pêcheux que, eminentemente epistemológico, coloca-se como interior e, ao mesmo tempo, exterior ao domínio em questão. Ao analisar a obra, verificamos aproximações e distanciamentos das posições de Auroux e dos autores. A compreensão de tais movimentações contribui para possíveis encontros da análise do discurso com a história das ideias linguísticas.*

Abstract: *The aim is to understand how and why the scientificity of linguistics is questioned in Gadet and Pêcheux's “A língua inatingível: o discurso na história da linguística” (1981). The proposal is to understand how Auroux's reflections can elucidate this work. To do so, a graph is constructed, a digital network, which describes the retrospective horizon of the authors' book. Understanding that the history of ideas has more to do with epistemology than with historiography - in addition to describe it would be necessary to explain, according to Auroux – the strangeness of the text, due to its epistemological character, as interior and at the same time as external to the scientific field, will be thought. There are approximations and distances between the Auroux's positions and the authors' positions. The understanding of such movements contributes to possible encounters of discourse analysis and the history of linguistic ideas.*

Rien peut-être ne viendra effacer l'étrangeté du texte épistémologique. (AUROUX, 1975, p. 320)

Se todo arquivo que trata de um campo intelectual específico traz em seu discurso certa ideia do que seja ciência, suas determinações, objetos, limites etc., trabalhar com a história da linguística é lidar com suas fronteiras, num discurso eminentemente epistemológico.

Este trabalho inscreve-se no campo da história das ideias linguísticas, a partir da perspectiva de Auroux, e busca entender o modo como Françoise Gadet e Michel Pêcheux realizam a sua história em “A língua inatingível: o discurso na história da linguística” (1981).

Entre a história das ideias linguísticas (HIL) e a análise do discurso (AD), o objetivo é ler Gadet e Pêcheux pelas lentes de Auroux em um ponto principal: a cientificidade da linguística. A busca é compreender o estatuto da cientificidade nos estudos de linguagem e das línguas para Auroux e como essa questão é vista em “A língua inatingível”. Entretanto, aqui, ler essa obra de Gadet e Pêcheux com as questões postas por Auroux será também ler este último com as perguntas colocadas pelos dois primeiros.

Inicialmente, apresentaremos a abordagem de Auroux acerca do científico e do epistemológico, especificamente quando se trata de fazer história das ideias de linguagem. Para o autor, o conhecimento do horizonte de retrospectão (AUROUX, 2008, p.141) de uma obra é algo fundamental para sua compreensão, assim como o conhecimento da produção anterior e posterior dos autores para a localização do texto na história das ideias.

Após uma breve incursão às suas concepções, enfrentaremos o problema de pensar, com suas categorias, um texto que tem perspectiva diversa no que diz respeito à ciência e, por consequência, ao modo de fazer a história de uma noção, no caso, o discurso. Ao tentar seguir os passos indicados por Auroux, exporemos um horizonte de retrospectão de “A língua inatingível”, elaborado digitalmente, e tentaremos interpretar a obra a partir de textos anteriores e posteriores dos autores.

A leitura dos trabalhos de Gadet e Pêcheux, principalmente deste último, apontará que sua noção de ciência não é estanque: transforma-

se no decorrer do tempo, ao se tornar mais permeável a uma visão mais “continuista” da história, algo que tem consequência direta em sua perspectiva de cientificidade. A reflexão sobre a língua (alíngua, na tradução do termo “lalangue”) ganhará destaque nessa problematização, por ser um momento crucial em que os autores lançam-se com vigor na escansão dos limites da linguística.

Nessa busca, encontraremos um lugar arenoso em que diferentes reflexões escapam umas das outras, resistindo a categorizações que tentem prender totalidades de sentido nas representações teóricas. Assim, “A língua inatingível”, por seus pressupostos, escorrega entre as categorias de Auroux, autor sem o qual, entretanto, não poderíamos ter ciência de um contínuo não se escrever, tese e efeito do texto do qual fazemos objeto aqui, como veremos.

1. Auroux e rede de retrospectão

Olhar “A língua inatingível”, de Gadet e Pêcheux, com as lentes (do latim *legens,-entis*, o que lê) de Auroux, requer, de início, que tomemos o instrumento de leitura desse último e que tentemos compreender de que modo as luzes são por ele refratadas. Assim, a primeira parte desse artigo será dedicada a apresentar as linhas mestras da abordagem histórica e científica de Auroux e, de pronto, a apresentar um “instrumento” digital de leitura que pode com essa abordagem dialogar.

Para Auroux, a ciência apresenta-se como ambígua. Segundo o autor, “as ciências são, antes de tudo, fenômenos sociais que podem ser apreendidos a partir de três componentes” (AUROUX, 1995): o teórico, o sociológico e o prático. O primeiro comportaria um conjunto de conhecimentos, conceitos e protocolos experimentais a produzir novos conhecimentos. O segundo levaria em conta a organização social em que os homens a produzem. Por sua vez, o terceiro componente, prático, relacionar-se-ia ao “conjunto de interesses que fazem que uma sociedade leve a tal ou qual direção a produção de conhecimento científico” (AUROUX, 1995). Assim, o caráter ambíguo da ciência, nesse complexo, torná-la-ia desinteressada e interessada, ao mesmo tempo. Nesse sentido, Auroux (1995) afirma que se, de um lado, a palavra “ciência” serviria para designar a verdade, como forma mais alta de saber e de conhecimento, de outro

remeteria a instituições, financiamentos e desenvolvimentos de produção “bem identificáveis”. Aqui, a essência do desenvolvimento do conhecimento, em sua forma “superior”, é contraposta a um reflexo de demandas institucionais, em sua forma “inferior”.

No que diz respeito às “ciências da linguagem”, de acordo Auroux, a cientificidade pode ser tanto o conhecimento positivo das línguas (AUROUX, 1998, p.13), cujos critérios são normativos e próximos dos critérios das ciências da natureza, quanto a cientificidade das “ciências da linguagem” (AUROUX, 1998, p.26, nota 6), ou seja, uma cientificidade caracterizada por abordagens heterogêneas e múltiplas que abrangeriam especificidades não universais. Pela perspectiva do pesquisador, a discussão é se existiriam ou não propriedades válidas para todas as línguas. Na inexistência desses universais, as ciências da linguagem não poderiam ser definidas do mesmo modo que as ciências da natureza, como a física (AUROUX, 1998, p.356). A linguística – uma disciplina universitária chamada também de gramática histórica e comparada, que, no século XIX, referia-se ao estudo das relações genéticas entre as línguas – teria passado a designar o conjunto das ciências da linguagem, inclusive a gramática, o que lhe daria um sentido normativo e positivo, com caráter próximo das ciências duras. Justamente por questionar tal concepção no que se refere à linguagem humana, Auroux utiliza a expressão “ciências da linguagem” em vez de “linguística” (AUROUX, 1998, p.26, nota 6).

A concepção de história de Auroux é cumulativa, ou seja, formada em longo prazo. Nas humanas, por exemplo, um “novo” saber não seria apenas uma adição. Como um quebra-cabeça, uma peça encaixada de modo diverso mudaria todo o conjunto. Assim, se peças desorganizam algumas relações, haveria outras que ainda estariam lá.

Em contraposição a Kuhn, nunca estaríamos fora da “ciência normal”, de acordo com Auroux. A gramatização, ao representar um movimento social a longo termo, seria prova cabal disso. Em “A revolução tecnológica da gramatização” (1992), o autor analisa como se deu o processo de gramatização dos vernáculos, acompanhado pela recusa da gramática latina, algo ocorrido tardiamente, apenas no século XVI. Auroux sustenta que esse processo teria sido relativo a um longo período, do século V ao XIX, em que se daria uma

revolução, só concluída no século XX. A descrição desse processo que se dá em longuíssimo prazo é mostra de como o autor concebe a história: a partir de uma visão de longo termo, mais próxima de Tocqueville – que vê a Revolução Francesa apenas como precipitação de algo que já estava presente socialmente – que de Kuhn, que privilegia cortes ao entender a revolução nas ciências como ruptura de um estado normal para outro “incomensurável com o precedente” (AUROUX, 1992, p.57). O descontínuísmo de Foucault¹ também entraria em choque com a concepção continuísta de Auroux (AUROUX, 1992, p.83).

Por reconhecer o longo prazo na história, Auroux denomina “horizonte de retrospectção” o conjunto de conhecimentos antecedentes ao ato do saber, isto é, anteriores à produção do conhecimento. Desse conjunto, podem fazer parte “conhecimentos comuns” ou “indexados” por autores e datas. Esse horizonte daria a espessura temporal de todo conhecimento, na medida em que seria “necessário tempo para saber” (AUROUX, 2008, p.141). Por sua vez, o horizonte de projeção seriam os momentos do arquivo nos quais um futuro é projetado.

A rede seria a forma pela qual esse processo de longo termo funcionaria. Ao tratar da gramatização das línguas neolatinas na Europa, Auroux versa sobre a criação de uma “rede homogênea de comunicação” (AUROUX, 1992, p.35), pois, mesmo quando a gramática latina não tenha sido fonte para a gramatização de determinada língua, “a gramatização (a base do latim) de um vernáculo europeu pode igualmente servir de partida para uma outra língua e lhe transmitir sua “latinidade”” (AUROUX, 1992, p.44). Em vez da imagem da árvore, pela qual os enciclopedistas franceses procuravam o que era comum em todas as línguas – e encontravam muitos galhos quebrados frente às propriedades relativamente independentes nas estruturas das línguas (AUROUX, 1992, p.90) – Auroux afirma subscrever a noção de Bruno Latour, “segundo a qual a tecnociência possui uma estrutura de rede” e “as ciências da linguagem, no período que nos interessa, constituem, em nosso ver, uma confirmação empírica desta tese” (AUROUX, 2008, p.59, nota 1).

Conforme a movimentação histórica dessas redes, o trabalho do historiador não seria apenas de estabelecer semelhanças, entre uma teoria adotada em um período B e um “precursor” de um período anterior A, mas explicar se haveria ou não uma linha causal entre os dois (AUROUX, 2008, p.138).

Ao partir da perspectiva de Auroux e de sua indicação sobre Latour – autor que problematiza a leitura de redes – elaboramos uma rede digital com o programa usado por Latour e seu grupo (LATOURE *et al.*, 2012) com a finalidade de construir, com recursos informáticos, o horizonte de retrospectão de “A língua inatingível”. Tivemos como resultado uma rede de nós (termos que incluem autores, revistas, ideias, datas, acontecimentos...) cujas ligações tentam abranger as relações que Gadet e Pêcheux fazem no texto entre esses autores, datas, eventos..., de acordo com nossa leitura. Realizado com o programa livre *Gephi*, o grafo foi gerado com a inserção manual de 624 nós e 917 arestas.

A primeira constatação foi a extensão do horizonte de retrospectão do texto, que remete a debates antigos, no longo período de tempo – de Aristóteles às gramáticas da Idade Média e a de Port-Royal, por exemplo. Ao possibilitar caminhos pelos nós contraditórios da história, pensou-se o grafo, então, como um horizonte de retrospectão, que é, para Auroux, uma conformação específica da temporalidade, um modo de recorte do passado, uma maneira de retomar objetos antes esquecidos, de substituí-los ou mudá-los, em um jogo entre memória e esquecimento (MORAES, 2016). Por isso, a despeito de Auroux afirmar que seriam relações causais (AUROUX, 2008, p.138), não foi posta orientação nas arestas, ou seja, não determinamos setas de um nó a outro, para evitar uma leitura estritamente cronológica. Como observa Auroux, “os conhecimentos – enfim as ideias – não são acontecimentos e, por conseguinte, não têm datas; são os eventuais aparecimentos que têm” (AUROUX, 2006, p.137 *apud* MORAES, 2016). A reversibilidade foi mantida também para guardar um efeito do próprio texto de Gadet e Pêcheux, mais afeito a contingências que a causalidades, como veremos mais à frente. Além do horizonte de retrospectão, o horizonte de projeção também foi contemplado no grafo, aparecendo no texto, por exemplo, em: “a releitura de

Wittgenstein constitui um desafio importante” (GADET; PÊCHEUX. 2004, p.125, nota 3) e a importância de Foucault ser estudado pelo marxismo: “O impressionante trabalho histórico e filosófico desse autor, que deliberadamente desenvolveu-se ao largo do pensamento marxista, traz para o interior deste último uma reação da qual é urgente saber tirar partido. O marxismo só tem a ganhar um pouco de clareza na sua própria crise” (GADET; PÊCHEUX. 2004, p.39, nota 6).

Além da constatação de um horizonte de retrospectão bastante ampliado no texto de Gadet e Pêcheux, pudemos notar que, com a ajuda dessa ferramenta tecnológica, os inúmeros caminhos gerados suplantaram em muito nossa capacidade individual de memorização. Ao navegar no grafo, localizamos ligações não pensadas numa primeira leitura, como, por exemplo, a relação entre “Spielberg” e “Stalin”, como sendo a do “mito da língua universal”. Outra ilustração, por exemplo, seria flunar do nó “Aristóteles”: posso ir a “analogia”, de onde vou a “racionalismo”, que é ligado a “razão louca”... E já estou do outro lado do grafo. De “razão louca” posso pegar o caminho de “língua ideal”, mas resolvo seguir o percurso da “loucura”, esse que me leva, por exemplo, a “Khlebnikov”. Uma relação entre Aristóteles e o poeta russo não aparece no livro de modo direto, mas faz parte de determinada leitura, a nossa, que, vista por meio do grafo, mostra um resultado não previsto, ou “não consciente”².

Outro aspecto de destaque é a possibilidade de, por meio dos algoritmos³, verificar quais termos fazem mais relações diretas com outros e quais termos, embora não façam tantas ligações diretas com outros, são caminho obrigatório para outros. Embora Chomsky tenha nó maior e crie ao redor de si uma teia de conexões – apresentando muitas conexões diretas –, Saussure e Milner aparecem com nós de tamanho considerável, visto serem pontos obrigatórios de passagem, ou seja, são referências fundamentais na tessitura de todo o texto. Vê-se assim, novamente, que a maior parte dos resultados, como esse da centralidade de Saussure e Milner, não foi totalmente prevista antes da inserção dos dados.

Consideramos que esse efeito de visualizar relações não previstas está relacionado aos instrumentos e à materialidade da representação

com a qual a história das ideias linguísticas, pela perspectiva de Auroux, procura lidar:

Uma representação é reflexiva. Ela é a representação de si mesma muito antes de ser a representação de algo: a primeira vista, sabe-se que se sabe aquilo que se sabe. Evidente, às vezes não é absurdo dizer que se sabia, mas que não se sabia o que se sabia. [...] O fato da representação ser reflexiva não impede que ela possa ser inconsciente, contrariamente ao que sustentava a filosofia clássica. Isso tem a ver com o fato das representações serem realidades materiais (AUROUX, 2008, p.126).

Tal como os livros, as calculadoras, as bibliotecas e os dicionários, o grafo torna-se, assim, uma “externalidade cognitiva”, um instrumento por meio do qual são ultrapassadas as capacidades individuais e elucidadas as representações contemporâneas. Segundo Auroux, para quem o inconsciente e a história são encontrados nessas tecnologias, a ciência é uma representação cuja explicação reside justamente nas externalidades:

Em outros termos, se quero explicar em que consiste a aptidão aritmética de um indivíduo, não vou simplesmente procurar na sua atividade cognitiva individual (que poderia eventualmente comportar elementos inatos), deverei passar pelo estudo de uma construção progressiva, geração após geração, de objetos externos (sistemas de notações, protocolos gráficos, instrumentos como redes de pesca, ábacos, etc.). Tenho imediatamente contato com objetos históricos. [...] *Nem toda representação pertence ao domínio da “ciência”* (AUROUX, 2008, p.125-126).⁴

Assim, diante de sua capacidade de deslocar uma leitura individual ao materializar os limites do consciente, pode-se dizer que grafos sejam uma ferramenta produtiva na compreensão do externalismo de Auroux.

Em resumo, até aqui vimos que a possibilidade do grafo digital dialogar com o campo da HIL está calcada em três motivos principais: a facilidade na visualização dos horizontes de retrospecto e projeção; o efeito de que, ao navegar pela rede, o leitor relaciona os nós, “esquecendo” noções clássicas de precursor e de acontecimentos em linha, cronologicamente marcados pelo positivismo; e a materialização de uma ferramenta tecnológica que representa condições de produção do saber, em sua forma “não consciente”, ao contribuir para uma perspectiva externalista.

A despeito das possibilidades acima apresentadas, ressaltamos o problema da formalização quando tratamos da rede, vista de outra perspectiva. Se, para Auroux, a representação encontra lugar fundamental enquanto modo de externalidade da ciência, para outra filiação teórica a representação é tomada de maneira um pouco distinta. Por exemplo, para a psicanálise, na medida em que o real não é representável, qualquer formalização, enquanto forma do discernível, é lugar em que se põe o problema do sentido, visto que no enodamento entre Real, Simbólico e Imaginário há uma diferença entre os círculos. O grafo, assim como as línguas, não dizem tudo. Fazem um corte no real, dizendo muito menos (ou muito mais) do que o representável. Eis aí o equívoco como determinante do sentido. E também da linguística que, segundo Milner, seria um discurso ordenado apenas por S, pelo Simbólico, ou seja, pelos discerníveis (MILNER, 2006, p.27-28).

É sob esse ponto de vista que considerar o grafo uma forma pedagógica eficaz, sem falhas, é correr o risco de contornar o “fato estrutural da castração simbólica” (PÊCHEUX, 1999b, p.19). O próprio da língua e da significação, que é justamente o que escapa ao sujeito falante, seria residual se o grafo fosse visto como uma “representação” do livro de Gadet e Pêcheux, no sentido comum da palavra. Já a “representação” utilizada por Auroux seria, de certa maneira, diferente de seu sentido mais banal: antes de ser “representação de algo” seria uma “representação de si mesma” (AUROUX, 2008, p.126) e, assim, comportaria aspectos externos, que também escapariam aos sujeitos.

Sem entrar no mérito das nuances possíveis acerca do problema da representação para diferentes campos teóricos, aqui pensaremos o

grafo como uma ilustração de nossa leitura, leitura essa sujeita a falhas, uma representação de si mesma, a expor a decalagem entre o texto escrito dos autores e essa formalização pela rede.

Assim, para demonstrar uma forma de ler essa rede em suas falhas, faremos articulações que remetem à topografia do grafo (figura 1) buscando compreender a ideia de cientificidade dos autores.

O critério de identificação dos nós na figura 1 foi o apelo visual do resultado gerado. Assim, na análise a seguir, nem todos os elementos serão localizados. Entretanto, alguns deles, como Saussure (3), Milner (4), valor (7), língua ideal (15), loucura (17), por exemplo, por adquirirem mais conexões na figura, ganharão também no texto as marcas que os identificam.

Dessa maneira, problematizamos a leitura desse grafo⁵, que se aguenta num constante equívoco – assim como a própria língua, efeito de lalíngua, como veremos a seguir.

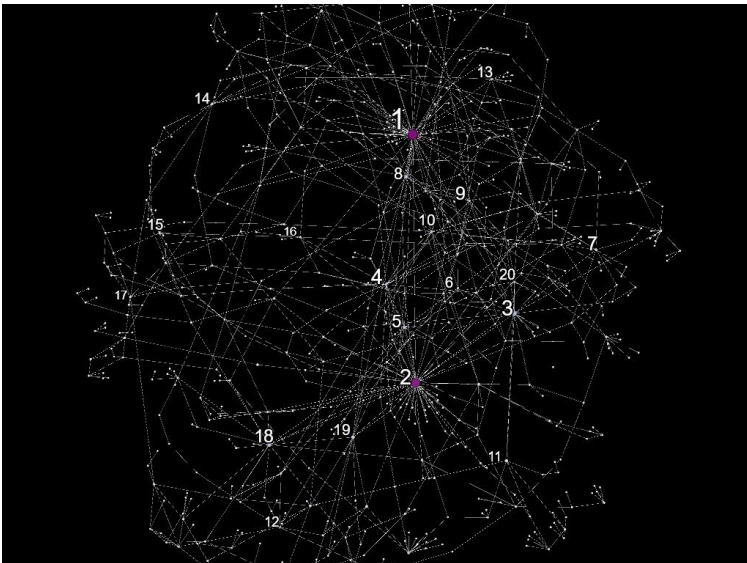


Fig. 1: Rede de retrospeção de “A língua inatingível”: 1-Chomsky; 2-Gadet&Pêcheux; 3- Saussure; 4- Milner; 5- Jakobson; 6- ferida narcísica; 7- valor; 8- judeu; 9- witz; 10- Círculo de Praga; 11- processo revolucionário; 12- formalistas russos; 13- Aristóteles; 14- racionalismo; 15- língua ideal; 16- impossível na ordem da língua; 17- loucura; 18- Stalin; 19- Lenin; 20-

equivoco. O grafo completo pode ser encontrado com possibilidade de navegação por “zoom” em: <https://marianalagarcia.wixsite.com/adigital>.

2. A impossível língua

O problema da cientificidade da linguística é visto em “A língua inatingível” a partir da *divisão* da língua. Tal *divisão* do objeto da linguística apontado por Gadet e Pêcheux nessa obra remete ao mito de Babel, cuja torre era construída por um grupo que se entendia, mas que passou a não se compreender quando o deus hebraico resolveu *dividir as línguas*, atrapalhando a construção, para que os homens se espalhassem sobre a terra. A divisão das línguas, do livro Gênesis, seria revivida no discurso da linguística por recalques. Segundo Gadet e Pêcheux:

Se o objeto da linguística consiste no duplo fato de que existe língua e de que existem línguas, é necessário pensar no momento de sua divisão que, aliás, é a imagem de Babel: o mito apresenta a divisão das línguas coincidindo com o começo do Estado, do direito, das ciências e do prazer sexual... logo, com o começo de um impossível retorno ao paraíso perdido, contemporâneo mesmo dessa perda. (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 19)

Essa divisão das línguas apontada por Gadet e Pêcheux desaguaria no “destino” da linguística⁶ de sempre desejar – sem nunca conseguir – curar uma “ferida narcísica” (*nó 6*) aberta pela divisão. Assim, retornaria à linguística, como recalcado, o desejo de resolver problemas de comunicação, buscando retirar seus entraves, em pesquisas que guardam como mito uma língua universal que reproduzisse uma Babel reencontrada (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 21).

Os autores dizem que “a língua materna é a fonte em que se nutre a linguística, e também sua mágoa” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 46). O simbólico – ao irromper no corpo da mãe com seus balbucios, sonorizações bilabiais, beijos, repetições e onomatopeias – encontra eco não apenas nos loucos pelas palavras, como poetas e escritores, mas também nas tentativas racionais de dominar o corpo do pensamento: “Razão louca, inscrevendo-se ora em um delírio privado,

ora na paranoia institucionalizada de um método científico” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 47). Partindo da língua materna, a crítica se dirige à língua ideal representada pelas línguas lógicas, a escritas artificiais e a derivas racionalistas de saber. Assim, a ciência e seu desejo pela língua ideal (*nó 15*), bem como, no início do século, o investimento na formação dos linguistas em sânscrito ou indo-europeu, seriam exemplos de como a linguística sempre havia tentado “se proteger das falhas das línguas naturais” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 47).

Essa loucura (*nó 17*) pela língua materna, da mãe mesma, seria a forma mais clara de lalíngua, termo usado por Lacan a partir da década de 1970 que é tomado por Gadet e Pêcheux na busca pela compreensão do que a linguística recalca, ou seja, do que ela esquece ao tratar da língua como sistema fechado, sem abertura para a história e para o inconsciente. Assim como o “não há relação sexual” de Lacan, o retorno àquele jorro de significantes, àquela comunicação do corpo da mãe, torna-se impossível em sua completude, após a divisão das línguas. Assim, não há comunicação, nem diálogo, mas efeitos de lalíngua que nos afetam. Efeitos que vão além do que qualquer enunciação é capaz e que se fazem no inconsciente, estruturado como linguagem, como um saber.

Alíngua é algo que se mama, é a parte materna e gozosa da língua [...] Poderíamos dizer que a língua materna, essa língua falada pela mãe, é a língua da pele, de tudo o que é relativo ao corpo: numa palavra, do gozo (NASIO)⁷

E mais:

Lalíngua é aquilo da língua materna que o sujeito recebe como aluvião, chuva, tormenta de significantes próprios àquela língua idiomática que se depositam para ele como material sonoro, ambíguo, equívoco, repleto de mal-entendidos, com diversos sentidos ao mesmo tempo, sem sentido [...] O gozo contido na lalíngua faz com que toda lalíngua (...) seja uma obscenidade (QUINET).⁸

Assim, ao ir além do que qualquer enunciação é capaz, o campo de lalíngua é aquele que nos faz repensar o próprio conceito de linguagem (BALDINI, 2012, p.4). Lalíngua é vista por Gadet e Pêcheux como a posição, em todos os instantes, dos equívocos em sua história, que não param de não se escrever. O impossível na ordem da língua (*nó 16*), levando em consideração a impossibilidade da relação sexual, conforme Lacan: “uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras”. Embora se procure o gozo, o equívoco (*nó 20*) está sempre presente, pois que “desde que o ser humano é falante, está ferrado, acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, da copulação, aliás impossível de situar em qualquer lugar da natureza” (LACAN *apud* BALDINI, 2012, p. 4).

Para os autores, “inatingível” é a linguística que tenta sempre sair de si mesma sem conseguir, como se tal fosse sua predestinação. A crítica se volta à gramática gerativa de Chomsky (*nó 1*), com suas estruturas mentais inatas, de órgão mental, aliadas às “facilidades da lógica natural”: “A língua inatingível é a aparição no interior da linguística de um espaço lógico regulamentando as práticas dessa disciplina, levando o sujeito humano a se reconhecer nesse regulamento” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 168).

Os autores trabalham com uma cientificidade capaz de localizar os equívocos que continuamente se inscrevem na língua. Dedicam-se a compreender esses momentos de surdez na história da linguística, ou seja, onde o discurso, ligado ao inconsciente e à história, é esquecido. Inatingível a língua na medida em que se fecha em uma unidade imaginária, que não vê a diferença entre língua e discurso, que tenta recompor uma unidade lógica, que não suporta a divisão.

Portanto, Gadet e Pêcheux observam que a linguística, quando deixa o “real” da língua, fica surda. Essa surdez seria um sintoma recorrente na história da linguística e o empreendimento dos autores é justamente mostrar tal surdez. Dessa maneira, o objeto da linguística não deveria ser as línguas enquanto sistemas fechados, mas também

aquilo que não dizem. A cientificidade da disciplina é posta em questão no livro de Gadet e Pêcheux.

Assim, compreender o “real da língua”, recalcado pela linguística, seria tomar a língua como objeto próprio (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 20), um objeto diferente daquele do positivismo. Os autores tomam a questão do real da língua a partir de “O amor da língua”, de J.-C. Milner (2012). Conforme Gadet e Pêcheux, Milner (*nó 4*, que surge central no grafo) substitui o “falso debate metodológico” entre empirismo, que viria dos estoicos, com o primado às anomalias, e desembocaria na sociolinguística, e racionalismo (*nó 14*) que viria dos aristotélicos, com acento nas analogias, e chegaria ao logicismo na linguística, ao se concentrar em uma posição materialista:

Através de uma argumentação da qual retomaremos alguns elementos decisivos mais adiante, Milner afirma sua tese: “tudo não pode ser dito”; em outras palavras, toda língua é afetada por uma divisão (figurada pela distinção entre o correto e o incorreto), que se sustenta pela existência de um impossível, inscrito na própria ordem da língua [...] (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 32).

Materialista, pois real. Mas, que real? Segundo Baldini e Ribeiro, o real não tem sentido unívoco na AD (BALDINI e RIBEIRO, 2016, p. 166). Em “A língua inatingível”, o real é tomado como o impossível. Dessa maneira, a própria linguística só seria possível pelo impossível, pela língua que sustenta a língua, pelo dizer que é em si a própria impossibilidade de dizer tudo. O real não como realidade empírica do positivista, mas o real emprestado de Lacan, cuja natureza negativa é buscada numa determinada leitura de Saussure (*nó 3*): “o concreto com o qual a linguística trabalha, de natureza negativa (ver Saussure), é o efeito propriamente linguístico desse real” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 33, nota 4). Desse modo, ao tomarem de empréstimo Milner e a noção lacaniana de real, Gadet e Pêcheux buscam em Saussure a iluminação para o problema. De modo que, para tentarmos compreender melhor a perspectiva dos autores sobre cientificidade,

vejamos como (e se) Saussure representa uma ruptura científica na história do discurso na linguística, para os autores.

2.1 A questão das rupturas: Saussure

Para entender como Gadet e Pêcheux lidam com a concepção de mudança científica em “A língua inatingível”, observemos como a ideia de cientificidade é transformada no percurso da análise de discurso, chegando até essa obra. Nessa busca, abordaremos brevemente textos anteriores e posteriores, para que se compreenda o lugar desse livro na perspectiva do grupo de Pêcheux e Gadet. O foco estará voltado para a questão das rupturas, isto é, para a caracterização de ciência feita sobre pontos de vista opostos: como sendo uma prática que rompe com um estado precedente ou, pelo contrário, uma prática cumulativa, que traz sempre um passado, principalmente no que diz respeito às ciências humanas. O modo como Saussure é tomado, na história da linguística e no conjunto dos textos da análise de discurso, será posto em questão, bem como serão problematizados outros aspectos do tema, por exemplo, a utilização de “revolução” e a controversa afinidade com o mesmo termo usado por Kuhn. Sumariamente, a psicanálise também será objeto visto em movimento no percurso de Pêcheux até chegar a “A língua inatingível” como um campo de tensão frente à linguística, algo que também modifica a relação dos autores com a cientificidade da disciplina.

Do nosso ponto de vista, na trajetória de Pêcheux e seu grupo, ocorre uma abertura à ideia de continuidade no que se relaciona à noção de história da linguística, junto a um questionamento desse domínio como ciência positiva.

Em 1968, ao criticar as ciências sociais e a psicologia, Pêcheux, numa filiação althusseriana, entende ciência como “ciência da ideologia da qual se destaca”. Ou seja, a ideia – que já vinha de trabalho publicado em 1966 – era a de que, embora a ciência não fosse uma revolução permanente, haveria sempre em seu início um “corte epistemológico” constituído pelo descolamento da ideologia⁹ que sustentaria tal ciência (PÊCHEUX, 1995).

No ano seguinte, em 1969, o “corte epistemológico”, representando descontinuidade, permanece. Em “Sobre a História das Ciências” (1971), publicado em francês em 1969, Pêcheux discute o

corde galileano em física e em biologia. No que diz respeito à linguística, em sua “Análise Automática do Discurso” (AAD -1969), aponta a importância de Saussure na ruptura que faz nascer esse domínio. Em 1971, a mesma noção de ruptura é repetida em um artigo publicado com Haroche e Henry, no qual afirmam ser Saussure o “corde epistemológico” a constituir a disciplina.

Em tal artigo, sustentam que a semântica não aparece em Saussure, ficando de fora do sistema, sendo necessária, então, uma “mudança de terreno”. Entretanto, destacam que a língua deveria continuar a ser tratada como uma realidade autônoma e que não deveria ceder lugar a outros domínios. Ou seja, nesse momento, além de permanecerem com a ideia de ruptura, ainda sustentam a cientificidade própria da linguística.

Entretanto, quatro anos mais tarde, em 1975, outra ideia, a de “corde continuado”, ocorre em “Semântica e discurso” (PÊCHEUX, 2009, p. 182). O “corde continuado” seria a impossibilidade de encontrar um “discurso científico” sem ligação com alguma ideologia. Ou seja, não haveria mais a ideia de uma ruptura realizada com a ideologia anterior, como no “corde epistemológico”, embora não fossem admitidas ideias de progressão, evolução ou continuidade.

Assim, em 1975, Pêcheux deixa claro seu desacordo com a “inovação nas mentalidades” proposta por Kuhn, ao destacar a relação da ciência com a história, sem partir do vazio de sentidos nem tampouco impedir o irromper de outras relações:

Ora, a história da produção dos conhecimentos não está acima ou separada da história da luta de classes, como o “bom lado” da história se oporia ao “mau lado”; essa história está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes. Isso implica que a produção histórica de um conhecimento científico dado não poderia ser pensada como uma “inovação nas mentalidades”, uma “criação da imaginação humana”, um “desarranjo dos hábitos do pensamento” etc. (cf. T.S. Kühn), mas como o efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância, pela própria produção econômica. (PÊCHEUX, 2009, p. 172)

A problemática da semântica é retomada na afirmação segundo a qual esta seria distinta da fonologia, da morfologia e da sintaxe, como Pêcheux já afirmara com Haroche e Henry em 1971. Mas, agora, em 1975, o fato de haver a relação direta da semântica com a realidade social, com a prática da língua e com o discurso faria a linguística ser questionada em seus limites. Isto é, a língua sob o ponto de vista de sua materialidade não poderia ser analisada totalmente fora da relação língua-sociedade, mantendo, todavia, uma “autonomia relativa”, que também encontraria seus limites. Assim, em “Semântica e discurso”, “a maneira pela qual a semântica “tem a ver” com a Linguística é a de constituir o ponto em que a autonomia relativa desta última se depara com seus limites (...)” (PÊCHEUX, 2009, p. 219).

Após seis anos, em 1981, com o livro que ora analisamos, a cientificidade da linguística não é assegurada com Saussure, como antes. Pelo contrário, Saussure vem relativizar a linguística como ciência. A língua, cortada por falhas, pelo equívoco, pelo que faz um segmento ser ele mesmo e outro (como na homossemia, na metáfora...) é vista como a relação entre o real e o equívoco. Essa relação teria se tornado visível com Saussure e suscitaria paradoxos. Desse modo, para Pecheux e Gadet de “A língua inatingível”, a ideia de ruptura da ciência deixa de fazer sentido quando falam de Saussure:

Pensar na revolução saussuriana como em algo que rompe, com certeza, com um passado realizado, é provavelmente a pior maneira de se representar o efeito Saussure. Saussure não resolve a contradição, invisível antes dele, que une a língua à alingua: ele a abre, tornando-a visível. (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 63)

Conforme os autores, portanto, considerar Saussure como marco ou não da linguística é uma tomada de posição, visto que sua obra gera efeitos paradoxais, inclusive sobre a origem da disciplina. Ao colocarem o problema nesses termos, Gadet e Pêcheux valorizam a irrupção feita por Saussure, mas não no que se refere à arbitrariedade do signo ou ao valor como sendo apenas uma moeda de troca na

comunicação – como se houvesse uma rede estrutural equilibrada do plano linguístico, no qual cada elemento reagiria sobre todos, num retorno à positividade. Para os autores, o que faria irrupção seria a relação entre “o diurno e o noturno, entre a ciência e a poesia (ou até a loucura)” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 57). Algo que, completam, “só pode ser concebível retomando-se as duas faces da obra saussuriana sob o domínio do conceito de valor” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 57).

Assim, ao retomarem a leitura de Saussure feita por Benveniste, que diferencia o arbitrário absoluto – o signo no seu isolamento – do arbitrário relativo – o signo em relação com outros signos – Gadet e Pêcheux veem que Saussure supera a dicotomia do motivado e do imotivado ao dar primado à relação entre um signo com outro signo. Ao fazer isso, Saussure conceberia a língua como “rede de “diferenças sem termo positivo” (...) o não dito, o efeito *in absentia* da associação (...) efeito da alíngua” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 58). Conforme os autores, o real da língua é o valor (*nó 7*) como sustentação e ao mesmo tempo limitação do arbitrário (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 58).

A decorrência é que, para Saussure, o poético não é um “lugar de efeitos especiais” da linguagem, mas seria inerente a ela (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 58). De modo que, quando ciência e loucura são postas em polos opostos, esquece-se que a loucura e a poesia tocam o real da língua. Seria um saber pelo qual a linguística também tocaria seu real, por se encontrar com a história:

Não há poesia porque o que afeta e corrompe o princípio da univocidade na língua não é localizável nela: o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (lingüístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 64)

Retomando, para Gadet e Pêcheux, Saussure evidencia paradoxos que tendem ou a ser apropriados em sua negatividade pela teoria do valor (em um questionamento da linguística em seus limites), ou a

serem vistos na positividade do arbitrário do signo, deslizando para concepções positivas da comunicação. Assim, “qualquer apresentação da teoria saussuriana já seria um posicionamento e um partidarismo em relação às condições históricas de cientificidade da linguística” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 56).

Nesse sentido, o posicionamento de Gadet e Pêcheux é não opor o diurno “claro e frio” Saussure do Curso ao noturno Saussure da “obscura loucura da decodificação” dos Anagramas (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 55). Conforme Puech, aliás, essa imagem de dois Saussures, um diurno e um noturno, difundida por Julia Kristeva (1968), faria parte de uma pluralização das figuras de Saussure sempre presente (PUECH, 2013, p. 4): o Saussure do Curso já teria sido o noturno, o teórico especulativo, oposto ao cristalino de *Mémoire*. Mais tarde, numa perspectiva inversa, o Saussure do Curso seria o diurno e, em oposição, seriam noturnos o Saussure dos Anagramas, ou o da correspondência com Flournoy ou o de *Légendes germaniques* (PUECH, 2013, p. 4).

Aproximando a ciência da poesia, da loucura e do equívoco, os autores fundamentam-se em Saussure, mas não como se este tivesse rompido de forma definitiva com sentidos anteriores. Se a linguística tivesse efetuado esse corte, não haveria risco de voltar a ele sem que isso fosse, em si, “um posicionamento e um partidarismo”. Em “Sobre a (Des-)construção das Teorias Linguísticas”, Pêcheux afirma que o rompimento feito por Saussure, com uma série de interrogações “pré-linguísticas sobre a origem da linguagem e suas determinações biológicas, lógicas, sócio-históricas ou filosóficas” (PÊCHEUX, 1999b, p. 9), nunca é efetuado. Contra a “proclamação triunfante de Benveniste” (PÊCHEUX, 1999b, p. 9), Pêcheux reitera que o “efeito-Saussure não constitui, em hipótese alguma, um ponto de não-retorno” (PÊCHEUX, 1999b, p. 9). Seria o ponto inaugural da Linguística que permaneceria evanescente, pois desde Saussure, a ciência linguística não teria parado de “se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras” (PÊCHEUX, 1999b, p. 9). Por exemplo, a diáspora dos anos 1920 – do Círculo de Moscou até o Círculo de Praga (*nó 10*), depois Viena e Copenhague – e a reunificação enganadora dos anos 1950, em que, aparentemente, da escola americana de Bloomfield, ao distribucionalismo de Harris,

chegando até Chomsky e o estruturalismo do tipo francês, Saussure estava presente. Respondendo a Auroux, a ideia de rompimento realizado por Saussure parece, em Gadet e Pêcheux, ter mais a ver com o desvelamento de questões fundamentais que propriamente com descontinuidade histórica, apesar de sua inegável importância.

Em suma, entre o chamado “corte epistemológico” – que, para Pêcheux, em fim dos anos 1960, marcava as rupturas então consideradas necessárias ao desenvolvimento da ciência – e o “corte continuado” – presente no livro “Semântica e discurso”, de 1975, e que marca uma relativização do conceito anterior – há um questionamento da cientificidade da linguística. Não de um modo positivista de se perguntar se X ou Y é ciência, mas de um aprofundamento dessa problematização por meio da suspensão mesma dos sentidos de cientificidade. Ao encurralar a cientificidade dessa maneira, pode-se dizer que, em “A língua inatingível”, Gadet e Pêcheux colocam-se em “outro lugar” e, assim, parecem não aceitar em definitivo ou *in totum* a ideia da descontinuidade típica até então. Um pouco mais tarde, em 1983, em “O papel da memória”, Pêcheux denomina a linguística como uma “disciplina de interpretação” que teria “necessariamente algo a ver (de modo complexo, equívoco, ambíguo... mas algo a ver) com as disciplinas de interpretação desde a história até a psicanálise” (PÊCHEUX, 1999, p. 54).

2.2 A questão das rupturas: Kuhn

Ainda no que se refere à ruptura nas ciências, Normand (NORMAND, 1983, p.167) observa uma particularidade sobre o modo como as mudanças científicas são abordadas pelos autores. Haveria certo apagamento da estrutura marxista em sua versão althusseriana, visto que Gadet e Pêcheux, em vez de cortes epistemológicos, teriam preferido a ideia kuhniana de “revolução”. Dito de outra maneira, “ruptura”, antes usada por Pêcheux, teria sido preterida frente ao termo “revolução”, próxima de Kuhn, numa preocupação de elaborar novos conceitos e novas hipóteses para pensar o núcleo materialista e a contradição como motor da história, nas relações intrincadas entre a linguística científica e a política. É assim que Normand vê, no livro, as hipóteses serem lançadas

abruptamente desde a introdução, de maneira bastante geral, sob a forma de afirmações pouco trabalhadas (NORMAND, 1983, p. 167).

Não encontrarmos referência explícita a Kuhn em “A língua inatingível”. Mesmo que estivesse “implícita” em debates de época, essa aproximação de Gadet e Pêcheux à teoria kuhniana seria contraditória, visto que fora frontalmente combatida em “Semântica e discurso”, como já mostramos.

De acordo com Kuhn (1962), “uma ciência destrói seu passado”. Essa tese se dá sobre dois conceitos: o de paradigma, uma corrente científica a dominar as ideias por um longo tempo como ciência “normal” e o de “ruptura de paradigma, correspondente a uma revolução científica, que leva à substituição de um paradigma por outro” (COLOMBAT *et al.*, 2010, questão 7).

Nos anos 1980, os historiadores da linguística debateram largamente a questão para saber se o modelo kuhniano era aplicável em seu domínio. Admite-se hoje que ele não é aplicável, notadamente porque a linguística é, como as outras ciências sociais, uma disciplina de baixa taxa de reinscrição, à diferença das disciplinas de alta taxa de reinscrição, como a matemática. Esta noção de taxa de reinscrição serve para medir a capacidade que tem a disciplina para integrar suas aquisições. Se há muitas rupturas teóricas em uma disciplina e, então, uma baixa taxa de reinscrição, os estados anteriores da disciplina conservam um interesse teórico direto. É tipicamente o caso da linguística, disciplina para a qual é muitas vezes interessante voltar-se aos estados anteriores das descrições. (COLOMBAT *et al.*, 2010, questão 7).

Mesmo que estivesse em debate, quando tratam de mudanças, Gadet e Pêcheux dificilmente dão maior peso a descontinuidades (“A reflexão sobre a linguagem não tem, evidentemente, começo histórico assinalável” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 29)), inclusive, mesmo quando tratam de Saussure, como apontamos.

Assim, as efetivas “revoluções” nessa obra de Gadet e Pêcheux, na nossa leitura, menos que uma aproximação ao termo em Kuhn, são expressões de momentos ímpares de ruptura social, que acabam

promovendo mudanças na língua. Mostras disso estão no capítulo 8 da primeira parte (“Outubro de 17 e a força das palavras”), onde os autores dão exemplos de modificações no francês vindas com a Revolução de 1789, comparando com mudanças – raras na língua – vindas com a Revolução bolchevique de 1917. A linguística como disciplina científica, inclusive, teria a ver com esse processo revolucionário (*nó 11*). Segundo Gadet e Pêcheux, tal revolução social, de monta, fora um dos fatores que fizeram Moscou ser um dos raros lugares onde Saussure teria se tornado conhecido, já a partir de 1917¹⁰.

Em suma, apesar da forma fragmentada, não vemos em “A língua inatingível” a noção de rupturas tão marcadas a não ser quando tratam de revoluções. Mas aí não são revoluções que remetem a Kuhn em suas “inovações nas mentalidades”, mas a revoluções sociais e econômicas não originadas em sujeitos específicos, mas relativas a processos históricos. Podemos descrever o livro como um conjunto de relatos e reflexões que mostram como exigências do “real da história” atuam no desenvolvimento das conjunturas teóricas. Por exemplo, como o século XX na Europa – com a revolução de 1917, guerras, stalinismo (Stalin: *nó 18*), nazismo etc. – é condição que leva à formação da linguística americana, esta inicialmente ligada à antropologia e depois a outras áreas, como à sociobiologia, no caso dos gerativistas. Paralelamente, o termo “revolução” é tomado também de modo cáustico, numa crítica às práticas institucionais “fajutas”. A história da linguística é vista como uma série de “revoluções palacianas” calcadas em mudanças de métodos, que se tornam garantias de seu estatuto científico, revoluções essas que “não fazem senão modificar as alianças no campo das disciplinas universitárias” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 20).

2.3 A questão das rupturas: esmaecimento e psicanálise

Embora Normand aponte a proximidade com Kuhn, tese da qual não compartilhamos, como tentamos mostrar, o modo como ela fez isso nos interessa. Para a autora, essa aproximação teria se dado menos por abandono das bases materialistas que por uma “necessidade atual de trabalho” (NORMAND, 1983, p.167). Tal

“necessidade” foi caracterizada por Normand como uma estratégia dentro da conjuntura do início dos anos 1980. Mas, por que a ideia de rompimento teria sido enfraquecida naquela conjuntura?

Se levarmos em conta que a ideia de ruptura apenas é possível na medida em que há a de progresso, a noção de corte é apagada quando os fatos não validam o desenvolvimento de uma etapa inferior para uma etapa superior. Isto é, quando a ideia de progresso é perdida, a de ruptura vai junto, de forma que a continuidade histórica ganha relevo.

Segundo Dosse, no século XX, uma nova relação com a temporalidade teria ocorrido no ocidente. Da crença no progresso “quer se trate de Saint-Simon, Spencer, Comte ou Marx” (DOSSE, 1993, p.387), chega-se ao choque trágico com o real do século XX. O eurocentrismo é debelado com a ascensão econômica dos Estados Unidos após a Primeira Guerra, soçobrando o evolucionismo linear do velho continente. A Segunda Guerra Mundial, a descoberta do Holocausto e o processo de descolonização são outros fatores que abalam a perspectiva de progresso. “Uma Europa nua problematiza então o seu passado dramático sobre um fundo de pessimismo, cada vez mais radical. A cada um desses abalos, a Europa acabou carpindo a morte da própria ideia de um futuro de ruptura” (DOSSE, 1993, p.387). Desse modo, o pensamento de ruptura vindoura, que empolgara “todo o campo intelectual vanguardista” do estruturalismo (DOSSE, 1993, p.223), que encontrava a representação máxima em Althusser e Foucault, esmaece. Tal esmaecimento pode ser visto em “A língua inatingível”.

Vale ressaltar que o interesse pela discussão da cientificidade da linguística no início dos anos 1980 se dá em um momento de esgotamento do estruturalismo e do chomskysmo como até então tinham se desenvolvido. Segundo Pêcheux, tanto Saussure quanto Chomsky estavam preocupados em determinar onde estaria o próprio da língua, posições estas que, retraídas, passariam a dar lugar à biologia, à lógica e à psicologia (PÊCHEUX, 1999, p.13-14).

A discussão já vinha a partir do papel que a disciplina passa a ocupar como carro-chefe das ciências humanas, a partir dos anos 1960. Vale registrar que a linguística geral ainda era marginalizada nos anos 1950 na França (DOSSE, 1993, p.89), tendo se institucionalizado, fora da subordinação de departamentos tradicionais

de letras e filologia, apenas em meados dos anos 1960 (DOSSE, 1993, p.233).

Se a cientificidade buscada pelo estruturalismo apoiara-se na linguística – Lacan apropriara-se dela para, cientificamente, afastar a filosofia da psicanálise (DOSSE, 1993, p.131) – já nos anos 1980, é como se Gadet e Pêcheux fizessem outro movimento: apropriam-se da psicanálise para desestabilizar as certezas da linguística, sem, entretanto, privilegiar outros campos, por exemplo, a biologia.

Se a ideia de cientificidade é encurralada, como estamos tentando mostrar, a perspectiva da psicanálise também é modificada no decorrer dos textos dos autores. Segundo Baldini, a maneira como a psicanálise aparece em Pêcheux revela “conflitos, angústias, aproximações e distanciamentos que marcam momentos distintos da elaboração do conceito de discurso em suas relações com a língua, a história e o inconsciente” (BALDINI, 2012, p.1). O autor verifica que ela comparece de modo a minar qualquer possibilidade de totalização (das descobertas de Freud, Marx e Saussure) nessa obra de 1981, numa radicalização à retificação feita em 1978, já crítica à maquinaria estrutural do início do trabalho do grupo, em fins dos anos 1960.

Para compreender como a psicanálise comparece nessa obra e o que esse comparecimento significa em termos de cientificidade, seria preciso retomar a relação complexa entre psicanálise e ciência. Embora instale um novo tipo de cientificidade, em seus textos, Freud tentava inserir a psicanálise no meio científico. Também Lacan, que em 1953 recusa a divisão (fictícia) entre ciências exatas e humanas, “entende fazer prevalecer a psicanálise como ciência em pé de igualdade com as ciências exatas e, mais precisamente, com o modelo da ciência física” (DOSSE, 1993, p.147). Ao quebrar as caixinhas de ciências “duras” e “moles”, Lacan toma para a psicanálise um modelo formalizado de ciência.

Desse ponto de vista, em textos iniciais de Pêcheux, ainda sob o pseudônimo de Thomas Herbert, de 1966 e 1968, o inconsciente vem como componente de uma grade estrutural engessada, como se o sujeito fosse totalmente identificado a seu discurso. A pretensão de totalização e de uma cientificidade próxima das ciências naturais ecoa nos primeiros trabalhos da análise do discurso. Naquele momento, a

psicanálise vinha para dar cientificidade ao estudo das linguagens. Ao contrário, já em “A língua inatingível”, serve a apontar os recalques e assim desestabilizar uma pretensa cientificidade autônoma da linguística.

Se as apropriações que a psicanálise acreditou poder se autorizar com relação a certos conceitos linguísticos fazem a linguística correr o risco de desaparecer como tal com o avanço da primeira, essa ameaça tem, entretanto, a vantagem de constituir um sintoma para os linguistas: na verdade, eles não podem mais recusar a ideia de que sua ciência organiza sua autonomia em troca de um certo número de ignorâncias e recalques. (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.20)

Vê-se que não se trata mais de uma relação de complementaridade entre psicanálise e linguística, com a perspectiva de uma unidade científica, mas de uma relação tensionada em cujo bojo se arma um questionamento recíproco de uma e outra.¹¹

As “ideologias da Ciência” são vistas agora por Gadet e Pêcheux como uma “máquina lógica” numa ditadura jurídico-tecnológica que só faz reforçar o “fantasma de uma língua universalmente apropriada a seu objeto, suscetível de garantir a unidade comunicacional do gênero humano” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.42). Afirmam que as questões de desestabilização da linguística trazidas só podem ser “estranhamente familiares” aos linguistas, na medida em que estes estariam mais acostumados a falar de seu universo de continuidades, descontinuidades, “precursores” e a “existência de uma cientificidade comum” que permitisse analisar as várias teorias (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.21).

Por sua vez, a psicanálise, em “A língua inatingível”, se ainda esboçasse sua pretensão científica assim como nos primeiros trabalhos de análise do discurso, correria o risco de “repetir o sintoma, e reproduzi-lo da maneira mais cômica”, conforme os autores (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.51). Gadet e Pêcheux ilustram esse uso burlesco da psicanálise com R. Thom, cujas metáforas sexuais para o processo linguístico – a saber, o enunciado como embrião, o sujeito como ectoderma, o verbo como mesoderma e o objeto como presa possível,

o endoderma – serviria para avaliar uma comunicação bem sucedida, uma relação sexual efetivada, ou seja, para afiançar o mito da língua ideal.

Como que passeando em campo minado em toda a sua extensão, os autores vão arrasando “certezas” de diferentes terrenos, da psicanálise à linguística, como mostramos.

A seguir, veremos que essa inquietude corrosiva corre o risco de também atingir a ideia de cientificidade proposta por Auroux.

3. Ideologia em questão

Ao aproximar os saberes sobre a linguagem de uma cientificidade permeável a heterogeneidades, Auroux avizinha-se da concepção desestabilizadora da linguística proposta por Gadet e Pêcheux de “A língua inatingível”. Entretanto, apesar dessa similaridade, há diferenças substanciais quanto à ideia de ciência, principalmente no que se refere à sua relação com a ideologia. Vejamos.

Assim como faz ao definir os componentes constituintes da ciência, Auroux (1975) também aponta relações ambíguas ao tratar da epistemologia. O autor verifica que, como teoria da ciência ou filosofia das ciências, a epistemologia coloca as ciências como autônomas – isto é, as ciências não recebem normas que lhes sejam exteriores – mas, contraditoriamente, por outro lado, faz as ciências virarem objeto (AUROUX, 1975, p.304). Assim, a epistemologia se “penduraria” na ciência, discutindo o domínio em seus termos; todavia, ao fazê-la de objeto, seria distinta dela. Essa ambiguidade de lhe ser exterior e, simultaneamente, interferir em seu interior, suscitaria toda sorte de questões.

Haveria, por exemplo, tentação de deixar às próprias ciências o reconhecimento do que seja uma produção científica. Haveria também, por outro lado, tentação de definir os limites do científico frente ao ideológico ou ao filosófico. “Se é positivista (ou melhor, cientista) para sucumbir à primeira; althusseriano para se deixar abusar pela segunda”, afirma (AUROUX, 1975, p.308), apontando os polos da contenda.

No fundo, a diferença entre Auroux e autores de filiação althusseriana remonta a discussões do estruturalismo dos anos 1960.

Enquanto certa porção de filósofos, como Louis Althusser, pregavam a importância da filosofia nas ciências humanas, outros, como Jean-Toussaint Desanti, aconselhavam seus alunos a se dedicarem às suas áreas científicas, abandonando eventualmente a filosofia. Enquanto Althusser privilegiava a filosofia nas discussões sobre epistemologia, Desanti propunha aos estudantes: “Se se quer fazer filosofia seriamente, é preciso instalar-se no âmago das positivities (...)”, relata Auroux em entrevista a Dosse (DOSSE, 1993, p.322).

Auroux, discípulo de Desanti, segue o conselho do mestre: sai da filosofia e instala-se no âmago de uma positividade específica, a linguística, expressando uma má impressão com relação a Althusser: “Pessoas como eu perceberam sempre Althusser como um fabricante de ideologia [...] Ele cometeu a façanha de dar uma versão platônica do marxismo”, diz Auroux (DOSSE, 1993, p.323). Desanti não via avanço nas teses althusserianas. Membro do PCF até 1958, Desanti teria feito Althusser entrar na organização. Entretanto, arrependera-se, pois considerava que Althusser se embrenhara em um impasse já no final dos anos 1950. Para Desanti, ele teria complexificado o marxismo, algo que apenas retardava avanços na medida em que o marxismo-leninismo não estaria adaptado aos problemas de então (DOSSE, 1993, p.322).

Althusser apresentava a filosofia e o marxismo como capazes de unificar os saberes numa síntese estrutural. Fazia isso através do “corte epistemológico”, conforme o modelo de Bachelard, por meio da divisão entre ideologia, de um lado, e ciência, de outro – esta como encarnação do materialismo histórico. “Todas as ciências devem, portanto, ser questionadas a partir do que fundamenta a racionalidade científica, a filosofia do materialismo dialético, a fim de se libertarem de seus resíduos ideológicos” (DOSSE, 1993, p.329). Na visão de Dosse, tal posição – que influenciou vivamente os primeiros escritos de Pêcheux – representava não mais que um modo de salvar o marxismo de sua decomposição efetuada pelo stalinismo. Nesse mesmo sentido, segundo François Furet, tal postura era própria de uma esquerda marxizante que teve, como compensação pelas revelações do gulag, a “mesma ambição universalista, totalizadora, determinista, mas desembaraçada da história” (DOSSE, 1993, p.394).

Se, para Althusser, a ciência devia se livrar da ideologia por meio da filosofia marxista, para Auroux tal posicionamento era, em si, ideológico. Como vimos, para Auroux, a ciência tinha um componente sociológico, mas também um teórico e um prático, os quais lhe confeririam seu caráter ambíguo.

A epistemologia, por sua vez, era encarnada pelos althusserianos como a face cientista da filosofia: “Era a época em que se fazia a epistemologia de não importa o que, o que permitia dizer que já não se fazia mais filosofia mas ciência” (DOSSE, 1993, p.334).

Já para Auroux, a epistemologia não tem o sentido de ciência exata. Pelo contrário, a cientificidade da epistemologia como campo de conhecimento é mais sujeita a variações filosóficas, maleáveis.

Nesse sentido, ao discorrer sobre estudos de Desanti, Auroux toma o debate em termos familiares às ciências da linguagem. O autor afirma que duas interpretações de Desanti seriam possíveis. Uma, forte, consistiria em considerar a sintaxe da epistemologia como inteiramente dominável e passível de formalização. Essa posição entende que o objeto da epistemologia seja geral e que seu estatuto seja de uma ciência no sentido em que se emprega essa palavra, ciência, às matemáticas e à física. Outra interpretação seria considerar, dentro de suas cadeias de enunciados mais longos, que a epistemologia possua uma sintaxe análoga à das línguas naturais. Ou seja, ela não teria objeto geral e apenas poderia ser ciência caso não fosse no sentido mais corrente do termo (AUROUX, 1975, p.320).

Auroux fica com a segunda opção, a interpretação mais frágil de epistemologia, mesmo não sendo essa a mais fiel ao pensamento de Desanti:

L'interprétation faible n'est peut-être pas l'interprétation la plus fidèle de la pensée de Desanti; elle ne sera peut-être pas la mieux admise par ses lecteurs. Mais nous pensons qu'elle constitue seule une conception correcte de l'épistemologie (AUROUX, 1975, p.320)

Assim, a epistemologia não seria um estudo com um objeto delimitado, mas o estudo do conhecimento, de seus ramos, do que se

entende por ciência, flexível – dada a natureza também flexível de seu objeto, ou seja, passível de desvios não matematizados.

Destarte, em homologia às três formas de ciência, de acordo com Colombat *et al.* (2010), Auroux divide a epistemologia também em três: normativa, avaliativa e descritiva. A normativa tentaria examinar o funcionamento do método, por exemplo, o raciocínio gramatical bem conduzido. Dizer que é possível colocar todo verbo transitivo direto na voz passiva e, depois, dizer que, em certos casos, o verbo transitivo não pode ir para a voz passiva faz o linguista refletir sobre o método que utiliza. Já a avaliativa faria uma reflexão sobre as teorias. Por exemplo, se deveríamos construir uma teoria a partir do estudo linguístico sobre um *corpus* ou não: se deveríamos, como na gramática gerativa, dar conta de um número infinito de frases, não partindo de um *corpus* (COLOMBAT *et al.*, 2010, questão 7). Por último, a epistemologia descritiva, por sua vez, trataria de construir uma reflexão coerente sobre os diferentes aspectos (teórico, sociológico e prático) das ciências, como fatos. A história das ciências faria parte desse terceiro tipo de epistemologia, com dimensão temporal. Tal dimensão temporal poderia ser uma “pura descrição de uma teoria passada”, cuja temporalidade é chamada de externa, ou uma descrição, cuja temporalidade é interna, composta de explicação das mudanças (AUROUX *apud* COLOMBAT *et al.*, 2010, questão 7). Dessa maneira, a história das ciências, pelo menos segundo “a escola francesa”, “tem muito mais a ver com a epistemologia do que com a historiografia pura e simples: não se trata somente de descrever mas também de explicar” (COLOMBAT *et al.*, 2010, questão 7), ou seja, encontrar as causas que permitiram certas ideias em determinado período.

“A língua inatingível” seria, a partir das categorias da epistemologia de Auroux, um livro avaliativo e descritivo, isto é, avaliaria e descreveria teorias linguísticas dentro de uma dimensão temporal interna, dimensão em que seriam explicadas razões para as mudanças descritas. Entretanto, a obra de Gadet e Pêcheux escapa a essa classificação.

Ao tomarem Milner como referência, as “causas” das mudanças das teorias linguísticas não seriam meros reflexos da história. Isso porque o objeto dessas teorias (a língua) escapa das causas e está além

de suas representações teóricas. Segundo Milner, “é impossível fazer da língua uma Causa de si” (MILNER, 2006, p.32), ou seja, é “impossível remontar à cadeia das causas e dos efeitos e, da língua, remontar a uma causa discernível: já que, assim fazendo, recuamos para além do próprio discernível” (MILNER, 2006, p.32). Discernível esse que não é outra coisa senão o simbólico: “Resta, então, supor dado o discernimento: que é S” (MILNER, 2006, p.32). Ou seja, em vez das teorias serem apenas a superestrutura do contexto em que se inserem, são pensadas “fora de si mesmas” sem que, por isso, seu real específico seja abdicado. O “estranho destino” das retomadas teóricas em linguística é assim abordado por Pêcheux:

é preciso supor que esta disciplina está, de uma maneira que lhe é própria, exposta de seu próprio interior aos efeitos complexos do processo conjuntural histórico e político que constitui o espaço no qual sua história se produz. Mas, ao tentar pensar a Linguística “fora de si mesma” (cf. Gadet & Pêcheux, 1980), na história, não corremos o risco de perder de vista o *real próprio* ao qual, como acabamos de afirmar, ela está relacionada? As posições defendidas em *La Langue Introuvable* constituem uma tentativa de contornar esta aporia, mostrando que a questão do “próprio” da Linguística (da especificidade de seu real) é indissociável da questão das escolhas de embasamento através das quais se constitui e se transforma a rede de suas alianças. (PÊCHEUX, 1999b, p.14)

Ao tomar o real específico da língua, “A linguística inatingível” suplanta a disjunção entre positivities das ciências e filosofia que a todas abarcaria. Nesse sentido, usar as lentes de Aurox pode significar obscurecer o texto de Gadet e Pêcheux, anulando justamente o brilho da obra, que é pensar a linguística como sendo constituída pelo “fora de si mesma”. Aurox vê a ideologia apenas como um dos componentes da prática científica – dividindo o que seria teórico do social e prático, como se essa compartimentação fosse possível e produtiva – sob a justificativa de apreender a positividade das ciências, inclusive das línguas em sua heterogeneidade. Entretanto, é

justamente essa positividade buscada que é afetada quando os protocolos experimentais ou o conjunto de conhecimentos de uma ciência são descolados de seu exterior, isto é, separados da formação social da sua produção e dos interesses práticos de pesquisa em certa configuração histórica. A cientificidade de Auroux é, desse modo, também corroida pela crítica incisiva da linguística exposta em “A língua inatingível” pois não responde a Gadet e Pêcheux sobre o real da língua, constituído por dentro de seu exterior histórico e político.

Assim, a relação ideologia e ciência é a principal diferença entre Auroux e Gadet e Pêcheux, embora as noções de ciência e epistemologia do filósofo ora se aproximem das dos autores. Enquanto Auroux vê a ideologia apenas como um dos componentes da prática científica, os dois últimos a tomam como fundante do processo histórico do desenvolvimento da ciência. Desde 1975, com o “corte continuado”, a ciência nunca se descolaria totalmente da ideologia. Tal relação permanece em “A língua inatingível”.

Já a continuidade vista no longo período da história é um aspecto de contato entre Auroux e Gadet e Pêcheux. Se tomarmos tal perspectiva como uma invalidação da ideia de “corte epistemológico”, é possível pensar que seja apropriada a afirmação de Normand segundo a qual tenha havido um abandono das teses marxistas e althusserianas nesse “A língua inatingível” (NORMAND, 1983, p.167).

4. Conclusão

“A língua inatingível” é um livro dividido em trinta e cinco breves capítulos, além de introdução e conclusão. Como nota Normand (1983, p.166-167), definições são bastante reduzidas nesse trabalho e conceitos são apresentados sem grandes demonstrações. Para a autora, a diferença observada com relação aos escritos anteriores – especialmente aos de Pêcheux, com as teorizações detalhadas em “Semântica e discurso” (1975) – seria um esforço para teorizar um novo objeto (NORMAND, 1983, p. 167).

Vimos aqui que tal “esforço para teorizar um novo objeto”, a língua em seu real, inclui a transformação da ideia de cientificidade. A noção de ruptura na ciência é matizada. Saussure, que antes dava lastro à cientificidade da linguística, passa a representar uma irrupção

que deixa à mostra os paradoxos e os limites de uma disciplina cuja cientificidade (sua origem, seu objeto, seus fundamentos científicos) é questionada. Saussure abre a ferida narcísica ao deixar expostos o equívoco e o real, pela noção de valor. Pelo que este tem de negativo, Gadet e Pêcheux se posicionam por uma acepção que traz a língua como divisa a conceber a linguagem não como sistema fechado, transparente, instrumento de comunicação, mas como o impossível, o opaco, o traumático de não ter condições de dizer tudo, de sempre falhar. Nessa esteira, a poesia, a loucura e a ciência se confundem. Além disso, a psicanálise passa a comparecer de forma tensionada frente à lingüística, ao apontar seus recalques históricos.

Sobre a estrutura geral do livro, ao tomar a descrição feita por Normand (1983), a primeira parte coloca a conjunção da ordem lingüística à ordem política. Nessa parte inicial, os autores relacionam as línguas nacionais às revoluções burguesas, por exemplo. Ganham destaque aí as transformações das línguas e das ciências lingüísticas. Já a segunda e a terceira partes tratam de casos “concretos”. Na segunda, a revolução saussuriana é analisada como tendo chegado ao mais perto do “real da língua”, com a teoria do valor, cuja intuição teria sido mais ou menos recoberta pelo funcionalismo do Círculo de Praga¹². A terceira parte seria dedicada à gramática gerativa transformacional (GGT) no desenvolvimento de suas relações com o neopositivismo. A cientificidade posta em questão é a de Chomsky, identificada como popperiana. Se, para Popper, não interessa a verificabilidade empírica, mas um postulado falsificável, para Chomsky, não importam os dados das línguas, mas uma abstração dedutiva, cujo modelo é a física (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.134-136). Dito de outra maneira, “do mesmo modo que o físico não pode se deter só diante dos observáveis, o linguista também não atinge o essencial apenas pelo exame dos dados imediatos” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.134). Gadet e Pêcheux opõem-se a esse tipo de cientificidade ao reiterarem as falhas das línguas como desreguladoras do sistema lógico chomskyano.

Quanto ao panorama geral da época em que a obra foi editada, Auroux afirma que, nos anos 1970, havia uma idealização da ciência. Esta era vista como “uma e semelhante a si mesma” (AUROUX,

2008, p.147) e, no caso das “ciências da linguagem”, a pergunta feita nos debates era se essa ciência teria existido desde sempre. Segundo Auroux, a resposta dada nesse período era não e, portanto, a questão era datar quando a linguística teria realmente nascido (em Saussure ou Chomsky). Tudo o que vinha antes caía sob o domínio da curiosidade ou a um estado “pré-científico”. Embora dediquem grande parte do livro – pelo menos um terço, se nos detivermos na divisão feita por Normand (1983) – à GGT, isto é, a uma teoria então relativamente recente, Gadet e Pêcheux não se limitam a discutir descobertas próximas a eles no tempo nem idealizam a ciência, como tentamos mostrar. Tal postura diverge do comportamento típico de pesquisadores de linguagem tal qual descrito por Auroux. Conforme o filósofo, a hegemonia da noção de ciência como sendo somente aquela matematizada teria feito que as atividades que se distanciam desses parâmetros (a gramática comparada, por exemplo) serem levadas, assim como as ciências da natureza, a fazer tábua rasa do passado. Dessa maneira, pesquisadores, no conforto de seu comunitarismo burocrático, teriam colocado seus trabalhos como se tudo o que se soubesse de linguagem tivesse sido descoberto nos últimos trinta anos (AUROUX, 2008, p.155).¹³

Um dos efeitos da obra é o de promover a mistura entre o poético e o científico, a loucura acadêmica e o risível. Em um texto cuja natureza epistemológica já o faz ser “estranho” – pois o força a repensar suas próprias fronteiras – o modo difuso de organizar os temas, o discurso fragmentado e os títulos como “Ensinar a Gramática ou não?” contribuem para desestabilizar a linguística “séria”. Dessa maneira, ao trazer à tona o recalcado que marca os estudos da linguagem, “A língua inatingível” atinge seu objeto nos limites da língua, ou seja, no absurdo da história e do inconsciente. Por meio desses efeitos, entre muitos exemplos, onde melhor se critica o biologismo de Chomsky, quando este afirma que “o coração não aprende a ser o coração”, é quando se retruca com um *witz* (nó 9): “se lhe disserem “cão que ladra não morde”, responda sempre: “sim, mas será que o cão que está latindo atrás de mim sabe disso?”” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.201).

Em resumo, neste trabalho, conforme a metodologia de HIL, colocamos “A língua inatingível” dentro de discussões de época,

tentando observar a dedicação dos autores à temática. Apontamos debates sobre cientificidade empreendidos até então, tendo em vista o lugar da lingüística dentro das ciências humanas. Analisamos também a obra inserida no conjunto da produção de Gadet e Pêcheux, maneira pela qual conseguimos definir o percurso dos autores até a produção do nosso objeto. Assim, tentamos explicar como a ideia (equívoca) de cientificidade aparece em “A língua inatingível”.

A elaboração do grafo auxiliou na visualização de que Gadet e Pêcheux não apenas discutem teorias “novas”, em contraposição ao que era hegemônico nos estudos lingüísticos de então. Além disso, serviu como comprovação do papel das ferramentas tecnológicas como instrumentos lingüísticos segundo Auroux, na medida em que, com sua capacidade de memória e seus resultados não previstos, faz-se passível de ser colocada contra o mentalismo cuja teoria pretende que a cognição seja originada no interior do indivíduo. A rede ainda se prestou a expor a discrepância entre o texto escrito e a figura, deixando aberto o equívoco incontornável da interpretação.

Assim, com as lentes de Auroux, realizamos uma leitura do texto de Gadet e Pêcheux. Mas, ao mesmo tempo, pudemos entender Auroux ao fazê-lo tocar, em encontro contingente, outros círculos. Nesse exercício de comparação, verificamos aproximações sinonímicas momentâneas, mas, sobretudo, dispersões, pontos de afastamentos que se repelem. Ideologia, por exemplo, aparece como homonímia que, mesmo roendo esse nome, deve ser nomeada. Pois “do fato de todo pensamento ser, uma vez que nomeia, equívoco não resulta que não seja preciso pensar; do fato de todo nome ser multiplamente ambíguo não resulta que não seja preciso nomear; do fato de a univocidade ser o impossível não resulta que ela não deva comandar um desejo” (MILNER, 2006, p.116).

Referências bibliográficas

- ALVES, M. (2017). “Grafos na leitura de AD”. In: *Entremeios (Revista de Estudos do Discurso)*. Seção Estudos, vol. 15, p. 109-126. Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS).
- AUROUX, S. (2008). *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Campinas: Editora RG.

_____. (1998). *A filosofia da linguagem*. Trad.: José Horta Nunes. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. (1992). *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. (1975). “Qu’est-ce que l’épistémologie?” In: *La philosophie silencieuse ou critique des philosophies de la science*. Paris, Éditions du Seuil.

_____. (2016). “O que é a ciência?”. In: *Larousse Annuel*, 1995. Trad.: Marli Quadros Leite.

BALDINI, L. (2012). “Lalíngua inatingível”. In: MARIANI, B.; ROMÃO, L. M. S.; MEDEIROS, V. (Orgs.). *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*. Rio de Janeiro: 7Letras.

BALDINI, L.; RIBEIRO, T. (2016). “O que é a língua se a psicanálise e o materialismo histórico existem?”. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos* – Nº 38 – jul-dez 2016, p. 161-187. Campinas: Pontes.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. (2010) “Primeira parte – Questões da retrospectiva”. In: *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Col. 50 Questions. Paris : Klincksieck. Trad.: Marli Quadros Leite e Jacqueline Léon, para edição brasileira (versão preliminar), questões 1-7.

CONEIN, B. [et.al.] (1981) *Matérialités discursives*. Lille: Presse universitaire de Lille.

DOSSE, F. (1993) *História do estruturalismo. V.1: O campo do signo, 1945/1966*. Campinas: Editora da Unicamp.

FOUCAULT, M. (1971). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Vozes.

GADET, F.; HAK, T. (2010). *Por uma análise automática do discurso*. 4ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. (2004). *A Língua Inatingível. O discurso na história da linguística*. Trad.: B. Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello. Campinas, Pontes, 2004.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. (2008). *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso*. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php
 Acesso em: 25 de junho de 2016.

- KOERNER, E. (2014). “História da linguística”. In: *Revista Confluência*. Número 46, 1.º semestre. Rio de Janeiro: Instituto de Língua Portuguesa, p. 09-22.
- KUHN, T. (1998). “A prioridade dos paradigmas”. In: *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- LATOURET, B. [et.al.] (2015). “O todo é sempre menor que as partes: um teste digital acerca das mônadas de Gabriel Tarde”. In: *Parágrafo*. volume. 2, n. 3. Trad.: Flávia Gonsales e Beatriz Redko. São Paulo: FIAM Centro Universitário, p. 07-25.
- MILNER, J.-C. (2012). *O amor da língua*. Trad.: Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (2006). *Os nomes indistintos*. Trad.: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- MORAES, J. (2016). “As diferentes abordagens em historiografia linguística: os princípios koernenianos e o horizonte de retrospectiva de Auroux”. SEMINÁRIO em contribuição à disciplina de pós-graduação História das Ideias Linguísticas, ministrada pela Prof. Dra. Marli Quadros Leite. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/FFLCH/USP.
- NEVES, M. (2005). *A vertente grega da gramática tradicional. Uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2ª edição revista. São Paulo: Editora Unesp.
- NORMAND, C. (1983). “Françoise Gadet, Michel Pêcheux, La langue introuvable”. In: *Mots*, n.º7. Cadrage des sujets et dérive des mots dans l'enchaînement de l'énoncé. p. 166-173. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1983_num_7_1_1131. Acesso em: 8 de agosto de 2016.
- PÊCHEUX, M. (2009) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (Thomas Herbert). (1995). “Observações para uma teoria geral das ideologias”. In: *Revista Rua*, 1. Trad.: Carolina M. R. Zuccolillo, Eni P. Orlandi e José H. Nunes. Campinas: Unicamp, p. 63-89.
- _____. (Thomas Herbert). (2014). “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social”. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*.

Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 4ª edição.

_____. (1999a). “Papel da Memória”. In: ACHARD [et.al.] *Papel da Memória*. Trad.: José Horta Nunes. Campinas: Pontes.

_____. (1999b). “Sobre a (Des-)construção das Teorias Linguísticas”. In: *Linguas e Instrumentos Linguísticos*. Trad.: Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. Campinas: Pontes, p. 07-28.

_____. (1971). “Ideologia e História das Ciências”. In: FICHANT; PÊCHEUX, M. *Sobre a História das Ciências*. Trad.: Francisco Bairrão. Lisboa: Editorial Estampa, p. 11-53.

PÊCHEUX, M.; Léon, J.; Bonnafous, S.; Marandin, J-M. (1982). “Présentation de l'analyse automatique du discours (AAD69) : théories, procédures, résultats, perspectives.” In: *Mots*, nº4. *Abus de mots dans le discours. Désabusement dans l'analyse du discours*. pp. 95-123. Disponível em: www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1982_num_4_1_1053 Acesso em: 5 de junho de 2017.

PUECH, C. (2013) “L'esprit de Saussure: réception et héritage (l'héritage linguistique saussurien: Paris contre Genève)”. In: *Les dossiers de HEL - supplément électronique à la revue Histoire Épistémologie Langage*. Paris, SHESL, no 3. Disponível em: <http://htl.linguist.univ-parisdiderot.fr/num3/puech.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2017.

SWIGGERS, P. (2010). “História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações”. In: *LIRIAS*. Katholieke Universiteit (K.U. Leuven), Center for the Historiography of Linguistics. Trad.: Cristina Altman. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/swiggers-historia-e-historiografia-linguistica.html#> Acesso em: 27 de fevereiro de 2017.

TOCQUEVILLE, A. (1982) *O Antigo Regime e a Revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

VEYNE, P. (2008). *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da UnB.

ZIZEK, S. (2017) *Elementos para uma crítica do “novo materialismo”*. Ou, mais além de Latour, de volta a Hegel. Disponível em: <https://antropologiacritica.wordpress.com/2017/03/29/elementos-para-uma-critica-do-novo-materialismo-ou-mais-alem-de-latour-de-volta-a-hegel/> Acesso em: 14 de abril de 2017.

Palavras-chave: cientificidade, história das ideias linguísticas, grafo
Keywords: scientificity, history of linguistic ideas, graph

Notas

* Doutoranda em Linguística na Universidade Estadual de Campinas.

¹ Uma compreensão da contribuição de Foucault à história pode ser encontrada em VEYNE (2008).

² Ao falar sobre resultados não totalmente “conscientes” representados no grafo, tomamos aqui a perspectiva de Auroux sobre ferramentas tecnológicas e externalidades cognitivas e não a perspectiva da psicanálise que considera o inconsciente como estruturante.

³ Após a inserção manual, não automática, dos dados, aplicamos o algoritmo “Force Atlas”, que deixa os nós mais conectados mais próximos, dando legibilidade ao que antes era um emaranhado. Quanto mais conexão direta, o nó adquire mais cor (numa escala do branco ao roxo). Depois, aplicamos o algoritmo “Centralidade de autovetor”, que consiste em uma contagem relativa à quantidade de caminhos que se faz para se chegar àquele nó. Ao considerar que entre dois nós exista um caminho mínimo, esse algoritmo conta quantos caminhos mínimos passa por determinado nó. Quem tem mais caminhos mínimos é o nó mais importante como passagem de transição para outros nós. Quem tem mais centralidade, tem nó maior.

⁴ Do ponto de vista de Auroux, ciência é o que pode ter significação reconstruída: “Sabe-se reconhecer a descrição de um eclipse do Sol, mesmo nos maias, naquilo que para nós aparece como um contexto “religioso”.” (AUROUX, 2008, p. 126).

⁵ Trabalhamos com leituras de grafos em artigo publicado na revista *Entremeios*, vol. 15, p. 109-126, jul. - dez. 2017.

⁶ Quando tratarmos da obra de Gadet e Pêcheux usamos “linguística” e “ciências da linguagem” indistintamente, apesar da separação entre as duas expressões feita por Auroux (AUROUX, 1998, p.26, nota 6).

⁷ Texto que procura explorar a questão de língua na análise do discurso (AD) e no qual nos baseamos neste trabalho é de Baldini (2012, p. 5).

⁸ *Idem*.

⁹ A noção de ideologia para Pêcheux vem de Althusser. Não como “visão de mundo”, tampouco como máscara a esconder uma verdade, a ideologia é tratada como evidência. Isto é, pela ideologia, os sentidos são tomados como evidentes pelo sujeito. Segundo Pêcheux, tábuas egípcias necessárias para prever inundações eram produtos técnicos, ou seja, uma resposta à demanda social. Teria sido apenas com Galileu, por exemplo, que um “corte epistemológico” ocorreria, devido a um descolamento com relação à ideologia dominante (PÊCHEUX, 2014, p.25).

¹⁰ Para conferir como Saussure demorou a ser levado em consideração na Europa, principalmente na França, ver COLOMBAT *et al*, 2010.

¹¹ Baldini e Ribeiro (2016) veem uma transformação completa nas relações entre história, psicanálise e linguística para Pêcheux do fim dos 1970 e, assim, recusam qualquer ideia de evolução na obra. A abertura do colóquio “Matérialités discursives” (1981), redigido em 1979, traria o deslocamento: “De 1978 a 1981, Pêcheux abriu uma série de interrogações e questionamentos para a Análise de Discurso, produzindo uma verdadeira modificação na forma em que mobilizava a relação entre Marx, Freud e Saussure. Em nosso ponto de vista, não é possível pensar a trajetória de Pêcheux de forma estanque, linear e evolutiva. Por esse motivo, não consideramos que sua obra se divida em duas (antes e depois da reflexão sobre o real da língua) ou em três épocas tal como o próprio Pêcheux ([1990] 2014) pareceu indicar em um esboço publicado postumamente. No entanto, reconhecemos que a problematização do real como impossível específico à língua e à história é tomado como um deslocamento em relação a certas concepções e posicionamentos até então vigentes.” (BALDINI e RIBEIRO, 2016, p.164-165).

¹² Em decorrência da ascensão de Stalin, segundo os autores, vem a primeira etapa da linguística “levada a sério”. Isso teria ocorrido no Círculo Linguístico de Praga, de 1925 até a Segunda Guerra, com a garantia científica sendo trazida pela ideia de comunicação. Nesse Círculo, Saussure teria sido lido de um modo contraditório e superficial, segundo Gadet e Pêcheux. No que se refere à fonologia, o conceito de distintividade como propriedade da língua seria um prolongamento de Saussure. Mas sua tomada fora contraditória. Enquanto levava a considerar que não há dimensão da língua que não seja poética (instaurando o “impossível”), ao mesmo tempo, levava a língua a ser um sistema de expressões “apropriadas a uma finalidade” (primeira tese de Praga): “A contribuição do CLP (Círculo Linguístico de Praga) pode ser considerada como essencialmente contraditória. Por um lado, será uma tentativa de aplicação prática do que havia ficado no plano teórico de Saussure: a reflexão privilegiada sobre o domínio dos sons baseia-se na apreensão da maneira pela qual nasce o sentido da poesia, o que significa que a língua, objeto do linguista, nunca é separada da língua, objeto da literatura. Por outro lado, ele será uma primeira etapa para a instalação da ordem do sério na linguística, uma retomada da ideologia da comunicação, à qual ele traz uma garantia científica” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.106).

¹³ Para Auroux, seria como se pudéssemos encontrar um cientista da dimensão de Newton em todas as esquinas (AUROUX, 2008, p.156). Koerner também ironiza tal fenômeno, ao categorizar um tipo de escrita sobre a história da linguística que, reivindicando a descontinuidade, é “caraterizado pela intenção, por parte de um indivíduo normalmente nos seus trinta anos (...) de lançar uma campanha para se opor a visões anteriormente apreciadas e a doutrinas ainda em vigor.” (KOERNER, 2014, p.14).